

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

DANIELLE APARECIDA BARBOSA CARDOSO

**A LITERATURA ESCRITA POR MULHERES NEGRAS: UMA EXPERIÊNCIA DE
LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO**

BELO HORIZONTE

2019

DANIELLE APARECIDA BARBOSA CARDOSO

**A LITERATURA ESCRITA POR MULHERES NEGRAS: UMA EXPERIÊNCIA DE
LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica como requisito para obtenção de título de Especialista em Educação. Área de Concentração: Educação, Diversidade e Intersetorialidade.

Professor orientador: Dr. Juarez Melgaço Valadares

BELO HORIZONTE

2019

C268I
TCC

Cardoso, Danielle Aparecida Barbosa, 1983-
A literatura escrita por mulheres negras [manuscrito] : uma
experiência de leitura na alfabetização / Danielle Aparecida Barbosa
Cardoso. - Belo Horizonte, 2019.
39 f. : enc, il.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Juarez Melgaço Valadares.

Bibliografia: f. Inclui Bibliografia.

1. Educação. 2. Alfabetização. 3. Educação de crianças.
4. Literatura infanto-juvenil. 5. Leitura (Ensino fundamental) --
Aspectos sociais. 6. Escritoras negras brasileiras. 7. Livros e Leitura.
8. Mediação de leitura. 9. Crianças -- Interesses na leitura.

I. Título. II. Valadares, Juarez Melgaço, 1961-. III. Universidade
Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 807

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O

Em agradecimento às crianças da escola Municipal Florestan Fernandes.

... somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais – e a sociedade – de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade.

Bell Hooks



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO QUINQUAGÉSIMO TERCEIRO TRABALHO FINAL
DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO : EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERSETORIALIDADE

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “A literatura escrita por mulheres negras: uma experiência de leitura na alfabetização”, do(a) aluno(a) **Danielle Aparecida Barbosa Cardoso**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Juarez Melgaço Valadares (orientador) e Patrícia Maria de Souza Santana. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Danielle Barbosa Cardoso
Danielle Aparecida Barbosa Cardoso

Registro na UFMG: 2018751012

Juarez Melgaço Valadares
Juarez Melgaço Valadares
Professor(a) Orientador(a)

Patrícia Maria de Souza Santana
Patrícia Maria de Souza Santana
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva
Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

RESUMO

Esta pesquisa-ação se iniciou com o curso de Especialização em Formação de Educadores Para Educação Básica (LASEB). Sua execução teve como base o trabalho com leitura para crianças do primeiro ciclo de formação, em fase de alfabetização, no contexto de uma escola municipal de Belo Horizonte e partiu dos estudos sobre a diversidade e da reflexão sobre a prática docente e sua relação com a comunidade escolar. A partir de análises dos tipos de leitura apresentada para a turma anteriormente, de entrevistas sobre a composição familiar das crianças e de ação planejada que utilizou a literatura escrita por mulheres negras, foi possível investigar a prática pedagógica e sua relação com questões de gênero e raça vivenciadas pelas famílias. A pesquisa-ação buscou valorizar mulheres inspiradoras da comunidade, enquanto ampliava o repertório literário da turma envolvida. O objetivo foi o de garantir que as crianças tivessem contato com a literatura escrita por mulheres negras, para que, conferindo visibilidade a essas autoras, as crianças em fase de alfabetização pudessem se identificar com as mesmas e se projetarem em espaços diferenciados na estratificação social, além de potencializar as mulheres da própria comunidade escolar.

Palavras chave: Literatura infantil. Leitura. Autoras negras

ABSTRACT

This action research began with the Specialization Course in Educator Training for Basic Education (LASEB). Its execution was based on the work with reading for children of the first cycle of formation, in the literacy phase, in the context of a municipal school in Belo Horizonte. It was based on studies and reflection on the teaching practice and its relationship with school community. From the analysis of the types of reading presented to the class previously, interviews about the family composition of children and planned action that used the written by black women, it was possible to investigate the pedagogical practice and its relationship with gender and race issues experienced by families. The action research sought to value inspiring women from the community while expanding the literary repertoire of the class involved. The goal was to ensure that children had contact with the literature written by black women, so that, giving visibility to these authors, children in literacy could identify with them and project themselves in different spaces in social stratification, in addition to empowering women in the school community itself.

Key words: Children's literature. Reading. Black authors

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – Professora da Escola Municipal Florestan Fernandes	09
CAPÍTULO I- A literatura escrita por mulheres negras importa	13
CAPÍTULO II- Refletindo sobre uma Educação para a Diversidade	17
CAPÍTULO III- Os caminhos percorridos	20
CAPÍTULO IV- Colocando o plano em prática	23
CONCLUSÃO- Prática transformadora	33

INTRODUÇÃO: Professora da Escola Municipal Florestan Fernandes

No ano de 2014, ingressei na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME-BH), como professora do 1º ciclo. Desde então tenho o privilégio de trabalhar na Escola Municipal Florestan Fernandes, instituição detentora do Selo “Educar para a igualdade racial”, conferido pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial em 2011, por conta das experiências exitosas da gestão escolar na implantação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais (lei nº 10639 de janeiro de 2003 e a lei nº 11645 de maio de 2008, que tratam da história e cultura afro-brasileiras e indígenas como conteúdos obrigatórios nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio). Anualmente nos reunimos para estudos, preparação dos profissionais da escola e proposição de trabalho com os estudantes sobre temáticas relativas aos conteúdos mencionados.

A Escola Municipal Florestan Fernandes está localizada em uma região de periferia, no Bairro Solimões, Regional Norte. O seu prédio foi construído através de um canal de participação social da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), o Orçamento Participativo, e a comunidade do entorno esteve envolvida na definição da obra de construção da escola. Antes que o projeto arquitetônico fosse estabelecido, a E.M. Florestan Fernandes funcionou no espaço da Escola Municipal Francisco Campos, no Bairro Tupi e, de 1998 a maio de 2000, no espaço da Igreja Católica Cristo Redentor, ao lado do lote onde estava sendo edificada. Em 23 de maio de 2002, foi inaugurado o prédio atual, sendo a primeira escola da RME-BH construída com uma arquitetura que pretendia atender ao projeto educacional denominado Escola Plural. Tal projeto buscava garantir a permanência dos estudantes na escola através de aprendizagens significativas e de qualidade. Propunha uma escola inclusiva e, portanto, capaz de respeitar a pluralidade e diversidade de ritmos de aprendizagem e as vivências culturais dos alunos. Almejava assegurar o direito de acesso aos conteúdos socialmente produzidos e sua apreensão de forma contínua e ininterrupta.

A ideia nuclear do Projeto Escola Plural e sua organização em Ciclos de formação era a de estar comprometida essencialmente com as vivências do desenvolvimento humano, e, para tanto, o Projeto organizou o tempo escolar em três ciclos e criou espaços e tempos para o desenvolvimento de experiências de aprendizagem. Organizando em fluxos mais longos o tempo escolar, o programa atentava-se às múltiplas dimensões da formação do educando. Pretendia-se “(...) reverter a lógica temporal que serve de eixo vertebrador do sistema escolar” (BELO HORIZONTE, 1995, p.19).

As dificuldades dos alunos, percebidas pelos professores, deveriam ser trabalhadas dentro dos ciclos de formação do projeto Escola Plural, aplicando o princípio de que “um aluno não deve se distanciar de seus pares da mesma idade de formação por mais de dois anos” (BELO HORIZONTE, 1995, p.22). O Projeto Escola Plural representou uma inovação na maneira como estava organizada a educação municipal e seus espaços escolares, rompendo com a seriação, a reprovação e os conteúdos pré-estabelecidos, que faziam parte do currículo das instituições até então. Desta forma, caberia a cada escola o papel de criar espaços de experiências variadas, de dar oportunidades para a construção da autonomia e da produção de conhecimentos sobre a realidade.

O prédio da escola Municipal Florestan Fernandes foi arquitetado a fim de atender às pretenções desse projeto. A escola conta com espaço multimídia, biblioteca ampla e com acervo diverso - muito rico em obras relacionadas à diversidade étnico-racial, salas de aula amplas, com possibilidade de diferentes configurações das carteiras, quadra coberta, pátio para prática de esportes e brincadeiras e palco para apresentações artísticas. Atualmente conta, ainda, com parquinho equipado com cama-elástica, totó e gangorra. O espaço tem rampas e banheiros adequados para pessoas com deficiência, as crianças que precisam são atendidas pelas auxiliares de apoio à inclusão e recebem aulas, em horários alternativos, na sala de Atendimento Educacional Especializado onde professoras da rede municipal lançam mão de recursos materiais e tecnológicos para desenvolvimento de suas habilidades.

A comunidade do bairro Solimões tem um perfil socioeconômico baixo e sofre com situações de vulnerabilidade social que são interpostas: dimensões de classe, raça, gênero e o próprio espaço lido como marginal são alvos de discriminação e falta de políticas públicas mais abrangentes. O público atendido pela instituição subdivide-se em: 419 estudantes que se autodeclararam pardos, 59 que se autodeclararam pretos e 142 que se autodeclararam brancos (Fonte: Secretaria Municipal de educação, março/2018).

A Escola Municipal Florestan Fernandes recebeu, em 2010, o selo “Educar para a Igualdade Racial”, premiação da Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), por sua prática educacional fundamentada na lei 10639/03. O trabalho da escola é também nacionalmente reconhecido por seu empenho na sensibilização da comunidade escolar e na educação de seus alunos para relações étnico-raciais, e tal reconhecimento já lhe conferiu dois prêmios do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT). O CEERT é uma organização que, dentre outras atividades no campo da promoção

da igualdade racial, realiza periodicamente o Prêmio Educar para a Igualdade Racial. Esse prêmio dá visibilidade às boas práticas de educação para as relações étnico-raciais em todo o Brasil.

O projeto desenvolvido sobre as relações étnico raciais é denominado pela escola como *Mostra de Cultura Afro-brasileira e Africana*, e sua culminância acontece em sintonia com as temáticas relacionadas às questões raciais coletivamente estudadas pelos profissionais da escola e desenvolvidas por cada professora e professor com as turmas em que atuam. Esse fechamento acontece, anualmente, no mês de novembro (período em que a comunidade negra rememora a resistência de seu povo figurada no líder quilombola palmarino Zumbi). A escola prepara uma exposição de múltiplas expressões artísticas para apresentar à comunidade o que foi trabalhado durante todo ano letivo.

Ao participar dos eventos da *Mostra de Cultura Afro-brasileira e Africana*, já me dediquei, junto aos profissionais da escola, a temáticas como: *a estética negra* (ano 2014), quando pesquisei texturas e cores de cabelos, e criamos reflexões sobre a importância de apreciar estéticas distintas dos padrões de beleza socialmente impostos. Analisamos imagens de pessoas negras com os cabelos naturais e comparamos as texturas dos nossos cabelos. Pesquisamos, ainda, materiais que possibilitassem a reprodução de imagens dos nossos cabelos, encontramos papéis com texturas diferentes, espiral que imitavam nossos cachinhos e fizemos releituras das nossas próprias fotografias. Já no ano de 2015 vivemos o projeto *Quilombos*. Em sala de aula, com as crianças, mapeei os quilombos localizados próximos à nossa região e estudamos costumes dos quilombolas. Percebemos os quilombos como forma de resistência contra a opressão e exploração do povo negro, resistência que persiste desde as primeiras pessoas escravizadas que chegaram ao território brasileiro.

Em 2016 a Mostra de cultura africana e afro-brasileira da E.M.F.F. trouxe o tema *Respeito à Diversidade Religiosa*. Estudamos os valores presentes nas diversas manifestações de fé que coexistem no Brasil, bem como a importância de valorizar a diversidade de crença – destacando-se, sobretudo, as religiões de matriz africana e afro-brasileira. Neste período participei da produção de material audiovisual sobre personalidades representantes de várias religiões. No ano de 2017, cumprindo as diretrizes da lei 11645/2008, conhecemos os povos originários do Brasil com a temática *Povos Índigenas – Conhecer para valorizar*. Estudantes do Curso de Formação de Educadores Índigenas (FIEI- UFMG) das etnias Pataxó, Xacriabá, Guarani e Maxacali promoveram formação para os docentes e crianças da escola através de

rodas de conversas, oficinas de brincadeiras, pinturas corporais e cantos ritualísticos. Aprendemos com as diferentes etnias sobre suas histórias de vida e formas de conceber o mundo. No ano de 2018 a escola trabalhou com os alunos a *Música Negra*, o legado deixado pelo povo africano nas Américas desde as chamadas “canções de trabalho”. A partir de abordagem sócio-histórica da música negra, minha turma se ateu à pesquisa sobre o Maracatu. Nesta trajetória, descobrimos uma manifestação cultural praticada por diversas comunidades afro-brasileiras e cujas raízes remontam há séculos, sendo considerado o ritmo musical mais antigo do país. Toda pesquisa partiu de um percurso iniciado nas origens dos ritmos africanos que se espalhou pelas Américas.

Utilizamos a música como recurso capaz de contribuir para autoestima, a inteligência emocional das crianças, além de proporcionar momentos divertidos entre a turma (momentos em que dançamos e ouvimos ritmos que gostamos). Estudamos através das músicas a história de resistência do povo negro, pensamos em como a mesma colaborou para divulgação da cultura africana e para manutenção da vida desses povos nas Américas.

Nesse exercício de reflexão sobre minha prática ao longo dos anos, dentro do contexto da *Mostra de cultura afro-brasileira e africana* da escola, percebo que nas diversas ações promovidas pela equipe da E.M.F.F. trouxeram à tona debates sobre relações étnico-raciais que são contemporâneos e, por isso, necessários.

Refletindo sobre a relevância de tais debates suscitados por esses projetos, senti falta de temáticas relacionadas ao feminino; observei que a maioria das famílias das crianças atendidas pela escola conta com mulheres negras à frente de seu cuidado e sustento.

Pretendo com esse plano de ação melhorar nossa percepção (minha e dos alunos) sobre essas mulheres, e, ao mesmo tempo, dar visibilidade para o potencial que carregam em si mesmas. A ideia é propor um deslocamento das narrativas que estamos acostumados a ler na escola para os possíveis relatos vindos de mulheres negras, e com isso pensar sobre a forma como essas mulheres são socialmente lidas e quais outros lugares que não os de subalternidade podem ser por elas ocupados.

O trabalho já consolidado com a literatura na turma em que leciono seria um caminho possível, pensando numa forma de homenagear as mulheres da comunidade escolar. Por meio da leitura de livros cujas autoras são mulheres negras, a intenção era criar momentos nos

quais as crianças se sentissem à vontade para se perceberem e percebessem também as mulheres autoras, as mulheres da nossa comunidade escolar e as mulheres que as alunas podem vir a ser.

CAPÍTULO I - A literatura escrita por mulheres negras importa

Acompanho a turma 3º ano A desde sua entrada na escola. A leitura para esta turma é uma prática consolidada em meu trabalho com alfabetização. Temos o hábito de ler, em média, três livros de literatura por semana. A esse momento damos o nome “Leitura deleite”. A prática tem formas diferentes de acontecer; ora as crianças escolhem, entre algumas obras literárias, um livro para a leitura pela professora, ora apreciamos uma obra relacionada ao que estudamos. Por vezes tal leitura acontece no momento de escolha de livros na biblioteca. Semanalmente a turma leva um livro para casa, a partir de uma livre escolha na biblioteca. Para transportá-lo, confeccionamos uma “sacola literária” feita de tecido e tintas. Por meio destas atividades, as crianças conhecem diferentes gêneros textuais, escritores diversos e suas obras, além de receber um estímulo à valorização da habilidade leitora e à apreciação de textos de qualidade previamente selecionados.

A leitura é, portanto, uma atividade central em minha prática. Para deleite das crianças, algumas vezes proponho um momento de relaxamento que a antecede: peço à turma para deitarem a cabeça e fecharem os olhos, e então começo a ler tanto com uma entonação adequada ao que estou lendo quanto com certa expressividade, a fim de cativar a atenção do grupo e mostrar o quanto esse momento pode ser prazeroso. Em seguida, avaliamos o que foi lido. Criei um quadro para deixar registradas as leituras do mês. Neste quadro consta o título da obra literária e o(a) autor(a), bem como a opinião da turma (sempre condensada em uma única palavra) sobre o texto. Opinar sobre a obra é uma estratégia da qual lanço mão a fim de ampliar o repertório linguístico das crianças.

Com esse trabalho pretendo me dedicar um pouco mais sobre os estudos em Educação para a Diversidade. Atualmente, o que me impulsiona é a vontade de aprimorar meus conhecimentos sobre a temática que me desperta atenção tanto como mulher negra e periférica quanto como professora de uma instituição pública que se propõe a fazer uma educação antirracista.

A educação para relações étnico-raciais atinge estruturas de poder classistas, racistas, cis-heteronormativas e promove uma mudança em modos de se ver e de ser dos envolvidos. Ao

analisar, a partir de depoimentos de professoras e professores negros, a forma como as instituições escolares exercem influência sobre as práticas pedagógicas dos docentes, a pesquisadora Patrícia Santana (2011) nos anima ao escrever:

Se ainda se perpetuam nas nossas escolas práticas que permitem a produção do racismo, também sabemos que a escola pode se constituir em espaço de mudança quando se dispõe a trabalhar na perspectiva da igualdade racial, empreendendo ações antirracismo. (SANTANA, 2011 p.121)

Um trabalho com literatura infantil escrita por mulheres negras se justifica na medida em que contribui para o conhecimento sobre a história das mulheres que se enquadram na maior parte da população do Brasil. Em 2010, o censo do IBGE apontava que 50,7% da população se autodeclarava negra (pretos e pardos). O grande número de mulheres negras apontadas pelo censo não está refletido na literatura que trazemos para nossas salas de aula.

Algumas questões me levaram à reflexão sobre possíveis abordagens do tema na escola. São elas: quem são as mulheres negras atuantes na sociedade? Como valorizar as figuras femininas? O que significa ser mulher? Como percebemos as mulheres da nossa comunidade escolar? A leitura de biografias de autoras negras nos ajuda a entender melhor o universo das mulheres negras? Acredito que conhecer mulheres inspiradoras na comunidade escolar importa, sobretudo, quando temos notícias de que as mulheres negras são as maiores vítimas de um racismo que é estrutural no país, circunscritas em um processo de violência que aumentou exponencialmente nos últimos anos. Segundo pesquisas coordenadas por Julio Jacobo Waiselfisz, e publicadas no Mapa da Violência de 2015:

o perfil preferencial das mulheres vítimas de homicídio são meninas e mulheres negras. Enquanto as taxas de homicídio de brancas caem na década analisada (2003 a 2013): de 3,6 para 3,2 por 100 mil, queda de 11,9%; as taxas entre as mulheres e meninas negras crescem de 4,5 para 5,4 por 100 mil, aumento de 19,5%. Com isso, a vitimização de negras, que era de 22,9% em 2003, cresce para 66,7% em 2013. Isto significa que: em 2013 morrem assassinadas, proporcionalmente ao tamanho das respectivas populações, 66,7% mais meninas e mulheres negras do que brancas. Portanto, houve, nessa década, um aumento de 190,9% na vitimização de negras. (WAISELFISZ, 2015).

Baseando-me no trabalho que a escola promove anualmente com a temática étnico-racial, e na possibilidade de fazer uma articulação com as questões de raça e gênero que se apresentam na contemporaneidade, percebo uma possível estratégia em conferir visibilidade a mulheres negras autoras que já alcançaram um nível de prestígio na estratificação social e, com isso, mostrar às crianças da turma 3º ano A uma possibilidade de se reconhecerem nessas autoras e se projetarem em espaços diferenciados, bem como a possibilidade de potencializar as

mulheres da comunidade, uma vez que as questões de gênero, raça e classe podem ser destacadas durante o desenvolvimento do trabalho.

A partir da leitura literária de livros de literatura infantil escritos por autoras negras, sugiro uma reflexão crítica sobre o que cada história tem a nos dizer, sobre o que nos traz a literatura negra feminina. Perguntamos: Será possível nos reconhecermos nesses textos a ponto de reelaborarmos as nossas próprias histórias?

Em minha formação como estudante, não me foi apresentada a literatura negra, muito menos conheci escritoras negras na escola. Só fui instigada a buscar por essa literatura em fase adulta, porque me reconheci como mulher preta, periférica e, portanto, sujeita às opressões socialmente impostas a mulheres como eu. Embora me questionasse sobre discriminações durante minha infância e adolescência, me atentei para esse sistema opressor quando um fato me foi lembrado: eu e minha irmã somos as primeiras de toda a nossa família a cursar o ensino superior, e o cursamos em 2005 por meio de ações afirmativas do Governo Federal, na época administrado pela Frente Brasil Popular.

Quando assumi de forma positiva minha identidade negra, procurei por referenciais femininos que pudessem me reafirmar nesse lugar. Atesto que as mulheres negras não inclusas nos discursos hegemônicos contribuem para a produção de conhecimento, para a formação de pessoas e têm algo a dizer, afetuosamente, sobre nós quando falam a partir de suas histórias. Eram essas histórias que eu ansiava ouvir e buscava reconhecer nelas as mulheres próximas a mim.

Em minha prática como alfabetizadora, posso atuar na desconstrução das narrativas hegemônicas, e trazer para as crianças o contato com a literatura negra feminina desde a infância, pensando a escola como espaço onde todas e todos experimentam a diversidade e o convívio com a diferença e onde possam assumir suas identidades de forma positiva.

Para Kimberle Crenshaw, (2004) é importante identificar a “discriminação racial e a discriminação de gênero, de modo a compreender melhor como essas discriminações operam juntas, limitando as chances de sucesso das mulheres negras.” A autora, em seu texto *A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero* expõe experiências norte americanas, mas que podem ser facilmente percebidas aqui na América do sul, sobretudo se consideramos a herança brasileira de opressão dos corpos negros. Para Crenshaw, se quisermos abordar

questões que mulheres negras enfrentam, precisamos considerar que as mesmas estão no centro das discriminações raciais, de gênero e também de classe. Todas sobrepostas. Nós, mulheres negras, enfrentamos a discriminação racial que se intersecciona com o fato de sermos mulheres. Para as meninas negras e para os meninos cuidados por mulheres negras se torna uma questão de humanidade a valorização do corpo negro feminino.

As mulheres negras convivem com as formas de discriminação e violência que oprimem e criam barreiras de acesso aos espaços de privilégios da sociedade. São observadas pelas crianças como aquelas que cuidam e exercem papéis subalternos. Faz-se necessário uma mudança dessa perspectiva. Fortalecer, aos olhos infantis, a representação das mulheres que os cercam. Esse é o pano de fundo deste trabalho.

Aqui a questão problematizadora é: como valorizar a diversidade e ampliar o repertório literário de uma turma de 3º ano do 1º ciclo, levando em consideração as questões de gênero e de pertencimento étnico-racial presentes no cotidiano escolar, e a pequena quantidade de livros infantis escritos por mulheres negras para as leituras escolares?

Escutando outras mulheres nos fortalecemos para a luta contra as lógicas de opressão que se interseccionam sobre nossos corpos, contra situações provocadas pelos conceitos de gênero, raça e classe hegemônicos. A filósofa Sueli Carneiro indica a literatura de autoras negras como meio onde podemos nos conectar com a realidade vivenciada por esse grupo e como possibilidade de denúncia das discriminações que sofremos. Sueli, fundadora do Instituto *Geledés*, organização de mulheres negras que historicamente atua no enfrentamento ao racismo, diz em uma entrevista para Camila Eiroa que para nós, mulheres negras,

O lugar que nos foi destinado, como o limite da exclusão, nos faz portadoras de uma visão crítica da sociedade brasileira, com a radicalidade que somente esse lugar contém. Trazemos dessa realidade, narrativas que ainda não foram contadas, personagens insondáveis em sua grandiosidade humana. (CARNEIRO in EIROA, 2018)

Creio que o Plano de ação pode colaborar para a construção de identidades e autoestima de crianças negras, valorizar figuras femininas no ambiente escolar e, ainda, nos auxiliar a reconhecer a mulher negra como produtora de literatura. Tudo isso garantindo que as crianças tenham contato com a literatura escrita por mulheres negras, e que possam discutir os principais aspectos dessa literatura em sala de aula.

CAPÍTULO II- Refletindo sobre uma Educação para a Diversidade

Com a experiência de leitura de autoras negras na alfabetização, trabalhei com a turma do 3º ano A da escola Florestan Fernandes a valorização das identidades femininas a fim de mobilizar as crianças para o reconhecimento das mulheres negras produtoras de literatura, bem como para o reconhecimento das mulheres da comunidade escolar e meninas da própria turma.

Neste trabalho propus à minha turma algumas reflexões sobre o feminino na nossa sociedade, e sobre a valorização da mulher negra. Assim, fomentei a discussão das relações étnico-raciais, além de homenagear figuras femininas negras que tiveram papel importante na conquista de direitos e valorização da mulher, ao se tornarem reconhecidas como autoras de literatura.

A literatura faz parte da prática pedagógica e permeia a alfabetização de crianças pequenas. No primeiro ciclo, a leitura para os alunos é um marco inicial para a entrada na cultura letrada. Vejamos o que nos escreve Ana A. Oliveira:

Além de ser fonte de prazer e lazer, a literatura contribui para a formação da criança em todos os aspectos, especialmente na formação de sua personalidade, por meio do desenvolvimento estético e da capacidade crítica, garantindo a reflexão sobre seus próprios valores e crenças, como também os da sociedade a que pertence” (OLIVEIRA, 2010 p.41).

A fim de relacionar esse importante trabalho de literatura com as questões étnico-raciais e de gênero elaborei ação inspirada na leitura de autoras negras. As produções literárias apresentadas para a turma refletem o grau de comprometimento da professora com uma educação libertária. As representações do povo negro em lugares positivos apontam para projeções de possibilidades de vida mais diversas e também influenciam na percepção das crianças sobre o juízo de valor que se faz sobre seus corpos.

Em minha prática pedagógica observo que não é possível lidar com as questões de gênero e raça em sala de aula numa perspectiva tradicionalista, homogeneizadora, onde as diferenças são apagadas. Não se nega a diversidade cognitiva e cultural. O entendimento das diferenças como estabelecedoras de identidades, me ajudou a avançar na compreensão sobre questões de gênero e raça. Os estudos no LASEB me forneceram uma base teórica sobre essa temática, quando analisamos, por exemplo, textos como de Chantal Mouffe (1999), que tratam da identidade por um viés filosófico e político. Segundo a autora, “Somente quando se

compreende que toda identidade se estabelece por relação e está construída em função de uma diferença, pode ser colocada a questão democrática fundamental: como lutar contra as tendências à exclusão”, ou Stuart Hall (2002) para quem “as identidades são constituídas por meio da diferença e não fora dela”. Textos como *A maquinaria escolar* de Julia Varela e Fernando Alvarez-Uria, me levaram à reflexão sobre a forma como a instituição escolar foi concebida e qual é o impacto dessa formação inicial na dinâmica escolar moderna.

Fortalecer a autoestima das crianças e seus traços é promover a equidade de tratamento, uma vez que personagens brancos já são valorizados na maioria dos livros de literatura trazidos para sala de aula. Para o trabalho com a turma 3ºA busquei por obras que projetassem as possíveis identidades assumidas por nosso grupo, no qual me incluo como professora da turma. Os livros escritos por mulheres negras trouxeram histórias que se aproximavam do universo infantil e, ainda, levantavam questões relacionadas à resistência do povo negro, seja pelo trato dos cabelos, as relações com parentes, a musicalidade e religiosidade ensinadas pelos antepassados e as tradições orais.

Na escolha das obras cuidei da estética das personagens, e as ilustrações precisavam trazer conforto para que as crianças se sentissem bem representadas e identificassem nas imagens dos livros elementos que fortalecessem a sua negritude. A opção por autoras negras foi pensada pelo objetivo do Plano de Ação que era reconhecer a mulher negra como produtora de literatura e pela *autoria de vivência*. As autoras negras falam de um lugar por elas vivido, por isso não poderia simplesmente escolher livros que retratassem o povo negro e suas histórias e, entretanto são escritos por autoras e autores brancos. Encontrei muitos títulos assim na biblioteca, com histórias bem escritas, que exaltam a cultura africana e afro-brasileira, com ilustrações pertinentes que retratam a pessoa negra dentro de um padrão estético aceitável, mas escritos por autoras e autores não negros.

Compreendo que as crianças trazem para as aulas suas formas de representação e que cada uma delas constrói símbolos a seu modo. Cada criança percebe as histórias escritas por autoras negras de forma singular, cada uma aciona condições de aprendizagem que lhes são peculiares. Através da leitura de uma literatura produzida por mulheres negras em sala, acredito que posso construir, junto com as crianças, um ponto de vista comum que leve a turma a valorizar essas mulheres e suas contribuições para a cultura.

Ao ler os livros para a turma considero não só a alfabetização e a ampliação do vocabulário como previsto no currículo escolar, mas também levo em conta a descoberta da negritude, das formas como mulheres afro-brasileiras lidam com a natureza, como internalizam e externalizam o afeto, o conhecimento de histórias de resistência, a apreciação de estéticas e poesias, a valorização de religiões de matriz africana e diferentes cosmovisões. Considero a “delícia” que é falar sobre a culinária de origem negra. Temas que se entrelaçam em um só ponto: a mulher negra.

CAPÍTULO III- Os caminhos percorridos

Desde o início do projeto percorri os caminhos da pesquisa-ação. Com estudos e leituras realizadas nas disciplinas do LASEB entendi que as crianças trazem para as aulas suas formas de representação e cada uma delas constrói símbolos a seu modo. Minha intenção era compreender como tais subjetividades se relacionavam com as realidades socialmente vivenciadas pela comunidade escolar. Minha pesquisa foi, também, quantitativa, busquei dados sobre o número de leituras levadas para a turma 3ºA.

Através de entrevistas com mulheres do convívio das crianças, confirmei minha hipótese de que a maioria da turma era cuidada, no ambiente familiar, exclusivamente por mulheres. Elaborei uma pesquisa estruturada para levantamento de dados, e para tal coleta utilizei padrões do Instituto Brasileiro de Geoprocessamento Estatístico (IBGE).

Comecei meu trabalho com um “Chá literário” oferecido para as mulheres das famílias das crianças. Naquele momento inicial conversei livremente com cada uma das mulheres ali presentes sobre o tema da pesquisa, e muitas se sentiram livres para conversar a partir de seus pontos de vista sobre a importância do papel feminino na comunidade escolar, sobre como se esforçam no sustento da família, sobre perspectivas de melhorias de condições de existência. Fiz, ainda, uma análise documental referente a leitura dos diários de classe da turma 3ºA em anos anteriores buscando informações sobre a literatura africana trabalhada em sala de aula.

A princípio, confirmei a minha hipótese de que a literatura escrita por mulheres negras não foi devidamente apresentada para as crianças da turma 3º ano A. Numa reflexão sobre minha própria prática e partindo de uma pesquisa nos registros dos diários de classe da turma, pude constatar que essa literatura foi pouco apresentada para as crianças em anos anteriores (2017 e 2018), embora a escola contasse com um acervo rico em literatura africana e afro-brasileira, além de promover, anualmente, formações para docentes e mostras culturais voltadas para temática étnico-racial.

Os diários analisados pouco mencionavam o uso da literatura escrita por mulheres negras. Foi possível levantar outros questionamentos: a ausência de imagens de mulheres negras como produtoras de conhecimento e histórias influencia a formação das meninas e meninos negros dessa turma? e, ainda, tal ausência se perpetua em outras turmas da escola?

Para iniciar a pesquisa, busquei nos diários de classe das crianças da turma 3º ano A o registro das obras literárias lidas pelas professoras para a turma em anos anteriores. Nos diários de classe as professoras da escola mencionam os livros de literatura trabalhados com as crianças durante todo o ano letivo. A partir daí foi possível resgatar as obras que foram lidas para as crianças no momento denominado “Leitura deleite”.

Foram 83 obras trabalhadas com a turma durante dois anos. Destas, 46 tem como autores homens, 28 são escritas por mulheres e apenas 2 tem como autoras mulheres negras. Ainda aparece 1 de literatura indígena, além de 3 escritos por homens negros. Três obras estão sem autoria.

Pensando em que obras ler para as crianças a fim de fortalecer suas identidades, localizei no acervo literário volumes escritos por mulheres negras – 16 livros especificamente. Surpreendi-me com o acervo da escola que também conta com exemplares para formação de professores no campo da educação para relações étnico-raciais, fruto do trabalho com essa temática construído ao longo dos anos.

Para o Plano de Ação selecionei 10 obras para ler e explorar, em cada uma, aspectos literários diferentes. Para iniciar a proposta de trabalho que era a de apresentar à turma autoras negras de literatura infantil, organizei o que chamei de “Chá literário com as mulheres da família”. Compareceram ao evento mães, avós, tias e até mulheres que se apresentaram como amigas de algumas das crianças, mulheres que abraçaram o convite de fazer uma pausa para tomar um chá e apreciar histórias na escola junto com a turma 3º A.

Na ocasião, li, como faço para a turma, o livro *A menina transparente*, escrito por Elisa Lucinda, sem contar, a princípio, quem era a autora. Na obra, que é o primeiro livro para crianças de Elisa, a autora usa um jogo de adivinhar palavras pois, segundo ela, “tanto gente pequena quanto grande gosta de brincar de adivinhar”. A autora nos apresenta a poesia desvelando emoções e sentimentos que, durante toda a leitura, nos remete a algo familiar, de cotidiano expressos nos versos e na construção visual das ilustrações de Graça Lima. O texto revela, aos poucos, a personagem por trás da adivinha: “A esse que dou a mão, vou com esse pra todo lado: aniversários, passeios, sono, cama, biblioteca, casa, escola; estou com esse a toda hora.” (LUCINDA, 2010).

As mulheres estavam atentas à leitura, assim como as crianças, e demonstravam curiosidade infantil ao “brincar de adivinhar” com a leitura do livro de Elisa Lucinda, como esta mesmo diz: “Mesmo contente de ser gente grande e tudo mais, meu coração nunca deixou de brincar”.

Ao final, perguntei às mulheres presentes como descreveriam a pessoa que escreveu o livro. As respostas vieram tímidas e tentavam descrever, como eu já supunha, uma pessoa do sexo masculino e, embora não sendo possível afirmar com certeza, provavelmente uma pessoa branca. A surpresa e admiração foram notáveis ao descobrirem que o livro *A menina transparente* foi escrito por uma mulher negra, professora, jornalista, atriz e poeta.

Fotos 1 a 4: Chá com mulheres das famílias para apresentação da proposta de trabalho com a turma. Fonte: arquivo pessoal



Momento de conversa com mulheres



Cesta com livros para apresentar às mulheres



Mesas preparadas para chá

No “chá literário” falei com a turma da minha intenção de ler livros escritos por mulheres negras, assim como o da Elisa Lucinda. Em conversa para apresentar a proposta do Plano de ação, ressalté a importância de mais leituras como aquela para as crianças da turma 3ºA e recebi das mulheres responsáveis pelas crianças o apoio para prosseguir com o trabalho.

CAPÍTULO IV - Colocando o plano em prática

Para apresentar as obras já selecionadas para as crianças, fomos à biblioteca onde deixei os livros que escolhi sobre o tapete que normalmente sentamos para ler. Apreciamos as capas dos livros, as ilustrações, que tipos de letra traziam e se continham a foto da autora.

Fotos 5 e 6: apresentação de livros para crianças com auxílio da bibliotecária Mirelle. Fonte: arquivo pessoal



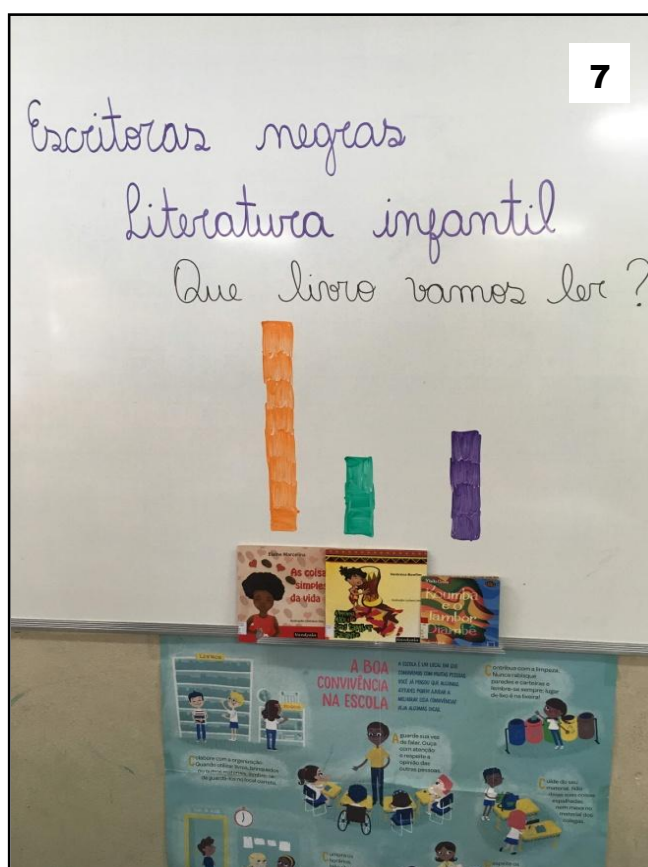
No primeiro momento de ação do plano, leitura literária dos títulos selecionados, apresentei o livro *Crespim*, escrito pela contista e poeta belo-horizontina Jussara Santos. Descobrimos que Jussara é professora de língua portuguesa e detentora de prêmios conquistados em concursos de poesia.

O texto de *Crespim* é leve e conta a história de um cupido negro, “sabichão,” que “com seu nariz empinado para tudo tinha solução”. Este anjinho negro de cabelo crespo atende um pedido que vem “de baixo”, um pedido por um “amor companheiro, um amor verdadeiro”. Assim, em versos, Jussara conta uma história de amor com personagens afro-brasileiros que tem cabelos crespos como os nossos, como observado pela turma. Após a história precisei tocar cada cabelo e deixar que tocassem os meus e dos colegas, para sentirmos a textura e descobrirmos quem tinha os cabelos como do anjo *Crespim*.

As crianças pareciam à vontade com a leitura, animaram-se com as imagens do livro, acharam “bonitinho” o personagem principal. De fato, é uma ilustração bem infantil, e as personagens apresentam traços que parecem cativar esse público. A história de Crespim ainda contém um final feliz, romântico, o que despertou a atenção da turma para o enlace contado pela autora.

Em outro momento, propus uma eleição do que seria lido com a turma. Elaborei um gráfico para mostrar a escolha pelo livro à medida que cada criança foi fazendo sua eleição. Foi um momento democrático em que as escolhas dos colegas foram ouvidas e respeitadas.

Foto 7: Gráfico da escolha do livro para leitura. Fonte: arquivo pessoal



As crianças escolheram o livro da carioca Elaine Marcelina intitulado *As coisas simples da vida*. Também professora, além de pesquisadora e historiadora, Elaine escreveu um livro repleto de afeto, cuja personagem conta sobre sua memória afetiva dos momentos de café matinal com a mãe.

As ilustrações nos aproximaram do cotidiano mais íntimo dos lares das crianças. As lembranças presentes nas imagens do livro, na linda ilustração de um coador de café feito de

pano, e nas situações comuns do relacionamento entre mãe e filha presentes na narrativa da autora nos aproximavam uns dos outros. Os comentários após a leitura foram lembranças de momentos com a família. Conversamos sobre o cotidiano em casa de suas famílias, e os parentes mais próximos das crianças.

Minha observação participante se deu mais efetivamente em um momento de leitura do livro *Betina* escrito por Nilma Lino Gomes, que foi ministra da Secretaria de Políticas de promoção da Igualdade Racial (2015) e do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos direitos humanos (2015-2016). À medida que apresentava os livros para as crianças, eu frizava a capacitação das autoras a fim de mostrar o lugar que elas ocupam na sociedade. A leitura dessa obra, especificamente, aconteceu com a turma sentada no chão, debaixo de uma árvore no pátio da escola. Nesse dia escolhi um lugar diferente da sala de aula ou biblioteca como estávamos acostumados. Estava um tempo agradável, propício para uma atividade daquele tipo, e usei um gravador para captar o áudio das intervenções que fizemos durante a leitura.

Betina relata um momento de pentear os cabelos da menina personagem: “a vovó da Betina, para evitar uns puxõeszinhos penteia o cabelo com muito carinho, devagarzinho... devagarinho...” (GOMES, 2009) e a personagem depois do penteado se sente muito bem. As crianças fizeram observações sobre os cabelos cacheados e crespos, uma das meninas da turma disse mostrando os cabelos: “professora, aqui debaixo quando vai pentear dói...”. Eu contei que meus cabelos também se embolam muito e percebi a importância da representação também quando eu, professora e mulher negra, vou para o trabalho com meu cabelo na forma natural, cacheado, parecido com os das meninas e meninos com quem trabalho.

O livro segue contando o carinho com que avó cuida dos cabelos da netinha e dá dicas para o leitor cuidar dos próprios cabelos. Na gravação um aluno diz: “Minha avó sabe, minha avó passa creme. Ontem minha avó fez trança na minha prima”. Outro menino da sala diz: “No filme Karatê kid o menino usa trança...” ao que eu pergunto: “e ficou bonito?” Duas crianças da turma parecem não gostar das tranças do personagem do filme e respondem “Não”, um deles diz “quem usa trança é mulher” eu questiono “será que é só mulher?” A Turma toda quer argumentar, eu digo que vou trazer fotos de homens e de mulheres com tranças para apreciarmos e uma menina conclui o debate: “Fica bonito sim, o MC Kekel usa.” Todas e todos parecem admirar as tranças do MC Kekel. Mostro as imagens do coque da vovó e das tranças das ilustrações do livro *Betina* e ouço da turma: “que lindo!”.

Ainda ao analisar as ilustrações do livro a turma questiona os traços da ilustradora, acham feio. Eu intervenho, comparando os traços do desenho com os nossos traços; começamos a ver semelhanças e diferenças entre os traços da ilustradora e os traços dos nossos rostos. Eu digo: “esse desenho aqui traz traços de pessoas como nós, tem um pouquinho de cada. Quem tem a cor da Betina?” Ao retomar os áudios gravados do momento de ação percebi que minha atuação se deu, por muitas vezes, sobre o inesperado. As crianças levantavam questões que eu mesma não percebia ao ler o livro, assim se davam nossas conversas, eu também fazia parte dos que estavam descobrindo a literatura infantil escrita por mulheres negras e o que os livros nos traziam. Quando começamos a reparar nos traços das personagens do livro da professora Nilma, nos reconhecemos e sentimos um conforto melhor com os traços da ilustradora Denise Nascimento.

A autora segue contando como Betina saía para escola feliz com os penteados feitos pela vovó e o cheirinho de creme para pentear nos cabelos. Um aluno diz “É perfume”, e nessa hora percebi que estávamos todas e todos envolvidos pela leitura. Na conclusão a autora diz que a avó de Betina vai encontrar com os ancestrais, eu questiono: “o que são ancestrais?” ouço uma resposta rápida: “os que já foram lá para o céu, as pessoas que já morreram da nossa família”. As crianças da turma 3ºA já estão familiarizadas com muitas palavras que nos remetem ao universo afro, por causa dos trabalhos com a *Mostra de Cultura Afro-brasileira e Africana* da escola e dos trabalhos orientados em sala de aula com as professoras que passaram por formações para lidar com a temática étnico-racial. No áudio gravado, pergunto: “qual o nome da terra de onde veio nossos ancestrais?” A maioria da turma diz em uníssono: “África”. Uma criança completa: “a Yasmim é do continente africano, mas ela também parece indígena.” Eu aproveito para reafirmar a diversidade do povo brasileiro.

A personagem principal do livro se torna uma cabeleireira famosa e é convidada para dar palestra em uma escola e contar para as crianças sobre os saberes de sua família “a arte de suas tranças é ensinada de mãe para filha e uma mulher ensinou para outra até chegar a mim” (GOMES, 2009). Encerramos a leitura contando os costumes que são tradicionais em nossas famílias: “a mãe da minha avó ensinou a fazer biscoito”, “meu pai me ensinou a jogar bola”, “as trancinhas da Laura a mãe dela que faz”. Por fim, avaliamos o livro da Nilma, e as crianças apontaram que não gostaram muito das ilustrações, mas sim da história. E era triste porque a avó morreu.

Trabalhei, também, com o livro escrito pela belo-horizontina Madu Costa, pedagoga e pós-graduada em arte educação. Ela publicou livros encantadores para crianças, sempre tratando da temática negra. Escolhi ler *Zumbi dos palmares*, livro em formato de cordel, escrito com maestria e que conta com ilustrações xilogravadas. Fiz a escolha por se tratar de um gênero textual que faz parte da cultura brasileira. O texto, como na poesia popular nordestina, apresenta rimas que impressionam quando oralizadas. Para esta leitura deleite, não abri espaço para intervenções enquanto lia as rimas, conversamos somente após a leitura e propus que ouvíssemos uma música. Trouxe para a sala a música *Zumbi*, na marcante interpretação de Caetano Veloso. A turma parecia estar contagiada pelo som dos tambores e pela letra da música que conta sobre a força do povo negro.

A discussão sobre o livro de Madu ficou em torno da relação do texto com a narrativa cantada pela composição musical. As crianças notaram as semelhanças presentes na história: as duas obras tratavam do herói negro Zumbi dos Palmares, e o foco maior foi dado para o trecho da música que diz “princesa que veio junto com seus súditos”. As crianças falaram muito sobre o fato de uma princesa ter sido sequestrada de seu reino com a diáspora africana. Eu fomentei a conversa e pensamos sobre como seria tal princesa, como se sentiu ao deixar seu reino. Montamos um mural com ilustrações sobre o debate e nos desenhos feitos pelas crianças apareceu a princesa junto com o personagem Zumbi de Madu Costa. Escrevi um trecho do cordel e colamos as ilustrações da turma em volta. Montamos o mural na entrada da parte administrativa da escola e, enquanto montávamos, as crianças cantavam a música: “Zumbi é senhor das guerras, senhor das demandas, quando Zumbi chega é Zumbi quem manda” (JORGE BEM JOR, 1974).

Nesse Plano de Ação trabalhei também o livro *Koumba e o tambor Diambê*, da autora Madu Costa, com a leitura desse título retomamos nossas conversas sobre música negra da Mostra de Cultura do ano de 2018.

Fotos 8 e 9: registros da leitura do livro Zumbi. Fonte: arquivo pessoal

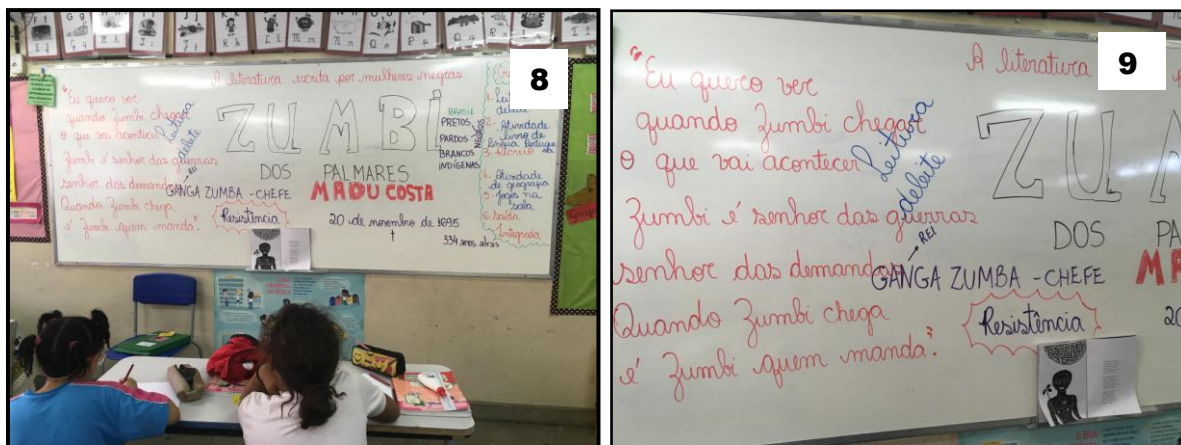


Foto 10: mural com desenhos das crianças. Fonte: arquivo pessoal

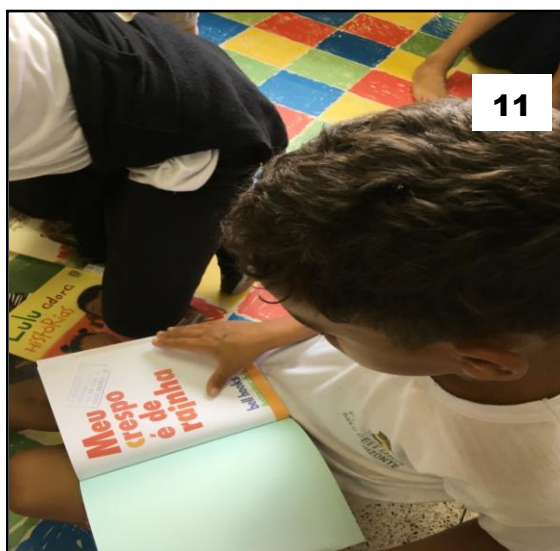


Apreciamos os títulos da doutora e professora norte americana Bell Hooks com a turma, em *Meu Crespo é de rainha* a temática dos cabelos e estética negra foi mais uma vez abordada e as crianças apreciaram muito as ilustrações de Chris Raschka. Nos divertimos com os diferentes estilos de penteados que Bell Hooks nos apresenta:

Uma tiara, uma coroa, cobrindo cabeças cheias de estilo! Pode ser moicano pro alto ou jogado pra baixo, amarrado com pompom, cortado bem curtinho ou livre, leve e solto ao sabor do vento! Cabelo para pentear, cabelo para enfeitar, para enrolar e trançar ou deixar como está. (Hooks, 2018)

As crianças queriam escolher, durante toda leitura, um penteado favorito dentre as ilustrações do livro. Quando li o trecho: “Cabelo tão sedoso, tão gostoso de brincar! Cabeleira que leva as tristezas pra bem longe.” todas as crianças disseram “ownnn!” Durante a leitura, que foi dinâmica, todas e todos queriam tocar os cabelos uns dos outros e também os meus. Testamos as texturas crespas, cacheadas e lisas dos cabelos, e no verso final do livro que diz “Menininha, você é uma gracinha! Nosso crespo é de...” as crianças completaram em voz alta: “rainha!”. A leitura foi divertida e combinamos de vir para a escola no dia seguinte com os cabelos crespos e cacheados preparados para uma foto.

Foto 11: leitura do livro *Meu crespo é de rainha* da Bell Hooks. Fonte: arquivo pessoal.



Fotos 12 e 13: tiradas no dia após leitura de *Meu crespo é de rainha* a partir da ideia da turma de vir para aula com os cabelos cacheados para fotografia. Fonte: arquivo pessoal.



A turma gostou muito do poema visual, também produzido por Bell Hooks, denominado *Minha dança tem história*. Tive a impressão de que alguns meninos se sentiram mais satisfeitos com um livro protagonizado por uma criança com a qual eles se identificavam, mas todas e todos se identificaram com a forma como o personagem *Bibói* parece perceber o mundo.

Quando apresentei os livros ainda no início do plano de ação, um dos alunos se encantou com um título escrito pela doutora em educação Patrícia Santana. O livro *Minha mãe é negra sim!* foi a leitura mais esperada. A própria turma combinou de fazermos um piquenique e convidarmos Patrícia para participar dessa leitura deleite. Precisamos aguardar um dia em que nossa agenda se combinava com a da autora. Enquanto aguardávamos, propus a leitura do livro *Cheirinho de neném* também escrito por Patrícia Santana. Na ocasião, as crianças se envolveram com a história desde a exposição do título e da dedicatória escrita pela autora. A turma se lembrou de quando fizeram bonecas *Abayomis* em uma oficina do Programa Escola Integrada. A palavra *Abayomi* é apresentada pela autora na dedicatória do livro. Patrícia conta que representa um presente, “nascido para trazer felicidade” é o significado da palavra de origem Iorubá. Todo afeto contido na história do livro *Cheirinho de neném* já nos é apresentado nessa dedicatória, e iniciamos a leitura com as mentes cheias desse carinho.

As ilustrações de Thiago Amormino cativaram as crianças e trechos como: “Ela queria olhá-lo mais uma vez, tão bonitinho, tão fofinho! E o cheirinho tão bom! Mistura de doce com verde.” (SANTANA, 2011) fez a turma, literalmente, suspirar. A personagem *Iara* se referia ao irmãozinho *Abayomi*, recém-chegado, enquanto descrevia seu “cheirinho”. Outro trecho que nos encheu de afeto foi “O quarto não seria só dela, a mãe e o pai também não. Teria mais uma festa de aniversário, mais uma escova de dente no banheiro, mais um copinho perto do filtro” (SANTANA, 2011). Nesse momento nos lembramos do ambiente de nossas próprias casas, e conversamos sobre o filtro de barro que muitas famílias ainda utilizam. Ao ler o trecho em que o pai da personagem canta música de ninar, resolvi também cantar para a turma, e mais uma vez o afeto da história registrada nos embalou.

O livro *Cheirinho de neném* é impresso com letras de forma maiúsculas, a primeira letra que as crianças têm contato quando se iniciam no processo de construção de hipóteses de escrita, crianças em fase pré-silábica e até algumas silábicas-alfabéticas contam quantas letras são necessárias para escrever palavras e, por serem traçadas com mais facilidade e serem isoladas umas das outras, as letras maiúsculas são ideais para as primeiras escritas das crianças. Para

conciliar as obras literárias trabalhadas em sala de aula com a realidade das publicações que encontramos na sociedade, optei por apresentar diferentes tipos de letras para a turma, mas ainda percebo que as crianças em fase de alfabetização sentem um conforto maior quando se deparam com livros escritos em letras de forma maiúscula. Após a leitura deleite muitos queriam levar o livro escrito pela Patrícia Santana para casa.

Marcamos, finalmente, a data do piquenique para leitura do livro *Minha mãe é negra sim!* e ele aconteceu em um dia muito quente. As famílias nos apoiaram e mandaram lanches para compartilhar, a escola forneceu copos descartáveis e uma toalha para forrar o chão, e eu levei arranjos para decorar. Contamos com o apoio da bibliotecária Mirelle Senra e ela levou livros para esse momento. Quando a autora Patrícia Santana chegou, sugeriu que alguém lesse o livro e uma das meninas da turma afirmou que ela era a autora do livro e, por isso, éramos nós que deveríamos ouvi-la. Percebi no comentário da aluna um reconhecimento da Patrícia Santana como mulher-autora-negra. As crianças, mesmo com vontade de comer o lanche e agitadas com o calor que fazia, prestaram atenção na leitura. Após o lanche coletivo, avaliamos o livro em sala.

Na avaliação pontuaram o quão bom foi o momento da leitura com o piquenique e já queriam agendar um novo encontro com Patrícia. Gostaram da história do menino *Eno*, personagem principal do livro escolhido previamente pela turma, e mais uma vez se identificaram com o ambiente familiar retratado na história, como no trecho em que o pai serve angu com quiabo para *Eno*. O livro *Minha mãe é negra sim!* relata o “banzo” sentido pelo personagem quando se descobre preto e como o avô lhe deu uma “uma aula mansa” contando sobre o racismo e o orgulho de ser preto. Patrícia toma da voz do avô e escreve que

“A boniteza deste mundo está nas diferenças, diferenças de tudo quanto é jeito: de pessoas, de cores de gente e flores, de línguas e costumes, de sotaques, de jeitos de ficar alegre e triste.” (Santana, 2008)

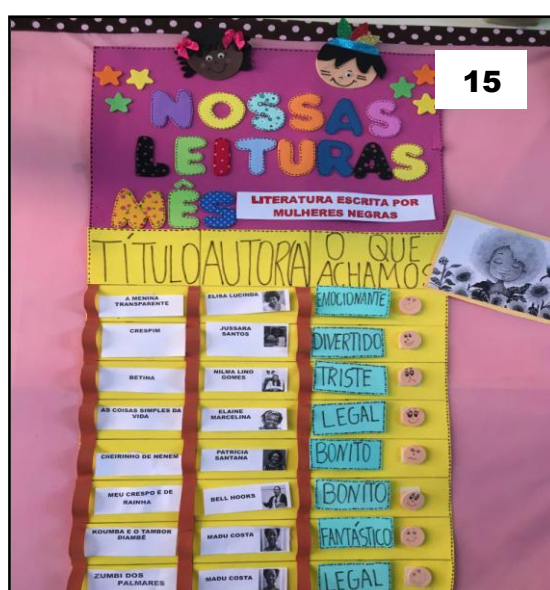
O menino *Eno* se sente fortalecido após a conversa com o avô e volta para a escola, numa sexta-feira, “dia de força e energia” decidido a apresentar um desenho da sua mãe pintado “de preto em negro”, como ela era.

Fotos 14: piquenique com autora Patrícia Santana. Fonte: arquivo pessoal



O quadro de avaliação das obras ficou fixado na sala e, durante a aplicação do projeto, só registramos os livros escritos por mulheres negras que lemos. Ao lado de cada título consta a foto da autora, para visualização da estética de cada uma dessas mulheres, seus diferentes tipos de tons de pele, cabelos, acessórios. Para avaliação das obras consta, apenas, uma palavra que sintetiza nossa opinião sobre a leitura. Importante observar que tal palavra, assim isolada, não encerra toda a riqueza e potência desses momentos de *Leitura Deleite*. Contudo, por se tratar de um quadro-resumo, há sempre o imperativo do espaço limitado.

Foto 15: quadro com síntese das avaliações dos livros



Para a *Mostra de cultura africana e afro-brasileira* de 2019, vamos aproveitar esse trabalho com a literatura escrita por mulheres negras e homenageá-las também em nossa exposição artística. Planejamos montar um móbil com uma releitura da foto de cada autora, sua biografia e livro que apreciamos em sala.

Conclusão: Prática transformadora

Este plano de ação tratou da importância da autoestima na construção da identidade de crianças negras, e da forma como o uso da literatura em sala de aula pode contribuir para a valorização da diversidade. Minha intenção como professora da turma envolvida foi ampliar o repertório literário das crianças, em momentos de leitura deleite. Com a ação conhecemos 7 autoras negras e 10 títulos escritos por essas mulheres.

Percebi que as crianças passaram a se interessar pela literatura afro-brasileira e africana, passaram a escolher na biblioteca, que visitamos semanalmente, livros com a temática africana e afro-brasileira. Também pude constatar que a turma passou a escolher seu livro pela foto que alguns títulos apresentam na capa. Elas procuravam por obras cujas fotos mostravam mulheres negras.

Acredito que o acerto dessa abordagem de leitura é o fato de ser por deleite, sem a pretensão de produzir algo puramente escolarizado. As conversas posteriores às leituras eram espontâneas, nem mesmo eu previa os assuntos que mais chamariam a atenção da turma, embora as obras trouxessem uma temática específica, e o foco do trabalho estivesse dentro de um objetivo. Eu, por exemplo, não imaginei alguns temas que as crianças levantaram.

A dificuldade estava neste imprevisível, cheio de incertezas. Minha insegurança era se saberia tratar o tema que aparecesse da forma mais abrangente, plural, valorizando cada fala e posicionamento. Nesse momento me ajudou muito a proposta metodológica de estudos do LASEB, de pesquisa e ação em sala de aula. Revisitei alguns conceitos, precisei atentar para algumas formas como eu compreendia a sociedade, e mudei modos de ser em prol de uma valorização da existência que preze pela diversidade. Ver-me mulher negra, periférica, me aproximou das vivências das minhas alunas e alunos. Tenho claro que os momentos de escuta me transportaram à minha própria infância e me impulsionaram para a prática de uma educação de qualidade para todas e todos.

A modificação pretendida em minha turma aconteceu na medida em que, agora, posso registrar no diário da turma 3º ano A, que funciona para a instituição escolar como um currículo da turma, mais 10 livros escritos por mulheres negras. Em reunião habitual com a coordenação, onde analisamos os resultados da aprendizagem das crianças, ouvi da coordenadora geral que a turma 3ºA gosta muito de frequentar a biblioteca e que, se lhes é dado o direito de escolher, optam sempre pela ida àquele espaço.

No dia 05 de setembro a turma 3ºA participou do Salão do Livro, uma ação realizada pela Câmara Mineira do Livro, e que previa que cada criança, portando um vale livro (voucher), pudesse escolher um título que posteriormente faria parte do acervo da biblioteca escolar. Acompanhei a turma neste evento e participamos de uma contação de história e escolha desses títulos que fariam parte do acervo da nossa biblioteca. Ao visitar os estandes, um grupo de meninas da turma começou a procurar por livros escritos por mulheres negras. Presenciei um diálogo de três meninas desse grupo com uma autora (branca) que fazia a promoção de seu livro: “Bom dia crianças, vocês já escolheram o livro para levar?” – a autora disse. “Venham conhecer o meu título!” ao que uma das meninas respondeu: “estamos procurando livros escritos por mulheres negras.” A autora insistiu para que o grupo de meninas escolhesse seu título e elas foram incisivas ao dizer que, no momento, preferiam livros escritos por mulheres negras.

Percebi uma autonomia na escolha do livro para leitura, uma vez que poderiam escolher qualquer título exposto no Salão do Livro, e a maioria da turma optou por literatura afro-brasileira e africana. Observei que o estande mais cobiçado pelas crianças dessa turma foi o da editora Mazza, famosa por seus títulos voltados para a temática étnico-racial.

Fotos 16 a 19: escolha de livros para acervo da biblioteca no Salão do livro. Fonte: arquivo pessoal

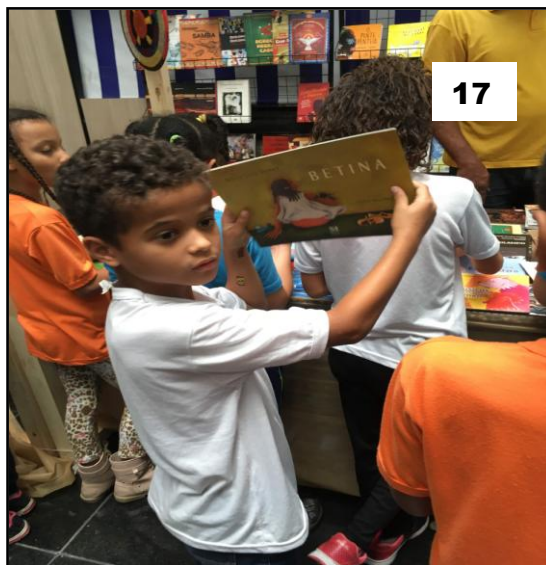


Foto 20: algumas de nossas escolhas para acervo da biblioteca



Com o Plano de ação foi possível registrar no diário de classe deste ano o número de livros escritos por mulheres negras que a turma teve contato e garantir que conhecessem a literatura escrita por essas autoras. A ampliação do repertório de leitura dos alunos sobre a temática e a contribuição para debate sobre questões relacionadas ao universo feminino colaboraram para desconstrução do machismo quando conferiu visibilidade para as escritoras. Acredito que aos oito anos de idade (média da idade da turma 3ºA), saindo do primeiro ciclo, essas crianças levarão como um marcador a noção de que mulheres negras não ocupam somente os espaços que lhes é imposto pela sociedade machista, racista e classista, mas que são produtoras de saberes e também estão em lugares mais elevados no estrato social.

Compreendi, durante a execução do plano de ação com a turma 3ºA que a aprendizagem se dá no campo do conhecimento de si e do outro, na troca de afetos e nas relações interpessoais. Na medida em que lia os livros escritos por autoras negras para turma e no ato de me submeter às opiniões e intervenções das crianças me surpreendia cada vez mais. A ampliação do vocabulário da turma foi percebida nas intervenções que faziam, nas ideias que tinham para a leitura seguinte, nas recordações que resgatavam e também nos textos produzidos para avaliações escolares. A turma passou a usar marcas da linguagem escrita formal em suas

produções de texto escolares. Quando escrevíamos coletivamente pude perceber a contribuição das crianças com sugestões de construções formais da língua.

O quadro de avaliação das obras literárias lidas em sala foi pensado, inicialmente, para observação da ampliação do repertório linguístico das crianças, a fim de registrar palavras desconhecidas das mesmas. Em minha percepção fomos além disso nesse Plano de ação quando nossas conversas sobre as obras extrapolaram a síntese em só uma palavra: tomamos um chá em família, montamos murais, fizemos ilustrações, promovemos piquenique com uma autora negra, conhecemos músicas que se relacionavam com os livros, reconhecemos nossa negritude, apreciamos nossos cabelos crespos e cacheados, conferimos valor às nossas famílias. Sempre que uma obra nos remetia a momentos familiares, como a casa das personagens, os momentos com mãe, pai, avós, brincadeiras da infância nossas conversas eram mais longas e nos encaminhavam para assuntos dos nossos lares.

Percurso concluído, faz-se necessária uma avaliação dos resultados do Plano de Ação. Assim, pude perceber que se antes as crianças não conheciam o universo de livros escritos por mulheres negras, após o trabalho tal universo tornou-se bastante familiar para nosso grupo. Da mesma forma, se anteriormente os alunos não valorizavam as mulheres do próprio convívio, agora veem com mais carinho aquelas que lhes dedicam cuidado. Antes do projeto os conflitos gerados em sala apontavam para um trato ruim com as meninas, hoje é possível observar uma capacidade de reflexão por parte da turma sobre temas relacionados ao universo feminino.

Como se observa, os vários e variados livros incluídos no currículo da turma acabaram por gerar uma bagagem cultural qualificada. Além disso, posso afirmar que as crianças passaram a reconhecer mulheres negras autoras como produtoras de saberes socialmente privilegiados.

Durante o plano de ação fiz o exercício de retomar minha própria prática pedagógica, me permiti aceitar, junto com a turma 3ºA, as transformações propostas pelas leituras que fazíamos e pelas conversas com as crianças. A professora e autora negra Bell Hooks reitera que a reflexão sobre a própria prática pode nos levar a mudanças quando assim almejamos. Em seu livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, ao falar sobre os diálogos que acontecem em sala de aula, a autora transcreve uma conversa com um colega de profissão. Na conversa os dois intelectuais afirmam que a prática pedagógica deve, sim, ser influenciada pelas trocas entre professores e discentes. Bell Hooks escreve:

Cresço intelectualmente ao lado deles, desenvolvendo um entendimento mais nítido de como partilhar o conhecimento e de o que fazer em meu papel participativo com os alunos. Essa é uma das principais diferenças entre a educação como prática de liberdade e o sistema conservador de educação bancária que encoraja os professores a acreditarem, do fundo do seu ser, que eles não têm nada a aprender com os alunos. (Hooks, 2017 p.204)

Naqueles momentos de Leitura deleite, estávamos todas e todos “igualmente comprometidos com a criação de um contexto de aprendizado” (HOOKS, 2017) e, como professora da turma, transformei minha prática em prol de uma educação *para liberdade*.

REFERÊNCIAS

BELO HORIZONTE, Secretaria Municipal de Educação. **Construindo uma referência curricular para a escola Plural: Uma reflexão preliminar.** Belo Horizonte: 1995 p.77.

BELO HORIZONTE, Secretaria Municipal de Educação. **Panorama: Escola Municipal Florestan Fernandes.** Belo Horizonte: 2018

COSTA, Madu. **Zumbi dos Palmares.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015.

CRENSHAW, Kimberle W. **A interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero.** In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero.* Brasília: Unifem, 2004.

EIROA, Camila. **A literatura da mulher negra: Sueli Carneiro indica autoras negras.** Entrevista publicada no portal Geledés – Instituto da Mulher Negra. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/literatura-da-mulher-negra-sueli-carneiro-indica-autoras-negras/> Acesso em 25/10/2019.

GOMES, Nilma Lino. **Betina.** Belo Horizonte, Mazza Edições, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Meu Crespo é de Rainha.** São Paulo: Boitatá, 2018

HOOKS, Bell. **Minha dança tem história.** São Paulo: Boitatá, 2019.

LUCINDA, Elisa. **A menina transparente.** Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2010.

MARCELINA, Elaine. **As coisas simples da vida.** Belo horizonte: Editora Nandyala, 2016.

MOUFFE, Chantal. **Por uma política da identidade nômade.** Debate Feminista. Edição Especial, São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1999.

OLIVEIRA, Ana Arlinda. **O professor como mediador das leituras literárias.** In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (orgs.). *Literatura – Ensino Fundamental.* Brasília, MEC/SEB, 2010. (Coleção Explorando o Ensino).

SANTANA, Patrícia. **Cheirinho de neném.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

SANTANA, Patrícia. **Minha mãe é negra sim!** Belo Horizonte: Mazza edições, 2008.

SANTANA, Patrícia. **Professoras negras: trajetórias e travessias.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

SANTOS, Jussara. **Crespim.** Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2013.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2012: A Cor dos Homicídios no Brasil** / Julio Jacobo Waiselfisz – Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPPIR/PR, 2012. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2012_cor.php. Acesso em: 28 out. 2018.